

# FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E A QUESTÃO DE MÉTODO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

João Sandes

## REALIDADE EDUCACIONAL

### INTRODUÇÃO

Como um dos grandes desafios para a nossa arrancada rumo ao desenvolvimento, coloca-se diante de nós o problema educacional. Não mais se discute hoje a importância da educação como um fator de primeira grandeza num processo de desenvolvimento social e econômico. Fartas são as afirmações sobre tal assunto, que já há anos nos mostravam os escritos de Galbraith Myrdal, Beulding, Perreux, Schultz, Rostew e outros expoentes da economia moderna, que vêem a educação como caminho seguro e indispensável para o desenvolvimento material de qualquer comunidade.

Ainda a Universidade vem mostrando, em diversos aspectos, os seguintes autores: Darcy Ribeiro, em sua obra *A Universidade Necessária*; José Arthur Giannetti, em *A Universidade em Ritmo de Barbárie*; Luiz Antônio Cunha, em *A Universidade Temperã*; Maira de Lourdes Favero e outros, em *A Universidade em Questão*; e tantos outros escritos sobre a Educação, e nos últimos anos sobretudo a Universidade Brasileira.

As afirmações e comparações que encontramos sobre o desenvolvimento de nações variam e nos permitem visualizar o quanto a educação é importante para a realização material dos homens.

Exemplos disso, e os mais marcantes, apresentam no caso do Japão, da Dinamarca, com recursos naturais bem mais escassos que outros países em vias de se desenvolverem, atingiram um elevado grau de desenvolvimento econômico e social muito antes que outras nações, isto em razão de seus elevados interesses voltados para o desenvolvimento educacional.

Entretanto, apenas as considerações de ordem econômica e social não se apresentam para nós como as mais importantes e eficazes para justificar toda a plenitude de que se reveste a educação como fator primordial e insubstituível num processo de desenvolvimento global. Torna-se a educação tanto mais fundamental, para que se vislumbre o quadro de desenvolvimento desejado, quanto mais estiver ela voltada a propiciar ao Homem a sua mais completa realização na sociedade em que vive.

Essa visualização é bem mais ampla que a simples avaliação de estreitamento econômico e social, envolvendo ambos os aspectos, e atentando que são eles apenas alguns detalhes para o ser humano se realizar na plenitude de sua personalidade. Como uma decorrência da preocupação para a realização mais completa do Homem como tal, entendemos importante a dimensão social à educação.

Repugna à concepção cristã da dignidade humana encarar o homem apenas como instrumento de produção, como se a sua realização material e a da sociedade em que vive esgotasse todas as suas ambições de realização pessoal. É aqui o ponto crítico, no qual reside a majestosa missão da educação, que consiste, antes de mais nada, em dar ao homem condições para ele se realizar na sua plenitude como pessoa humana, sem sofrer em demasia com as tribulações que as necessidades puramente materialistas muitas vezes impõem.

Educar consiste em dar ao educando a maior possibilidade, para que ele mesmo desenvolva as suas próprias potencialidades, e as aproveite de acordo com as suas necessidades e consciência, conforme os requisitos de suas circunstâncias.

Essa educação não se efetiva apenas num determinado momento da vida. Realiza-se ao longo dos anos e se constitui nos mais variados fatores que determinam a formação do homem de maneiras e graus diversos. Desde o seio materno, a criança já é sujeito de educação. Do alvorecer à idade adulta, passando pelos primeiros anos de vida familiar, no tempo em que vai à escola, bem como na convivência humana, nas atitudes sociais e políticas, na vida cultural em todos os seus sentidos, o homem permanece um ser educável.

Está claro que não poderemos nos referir à educação na totalidade dos aspectos mencionados. Nossa preocupação no momento se restringe à educação sistemática, até que complete a formação acadêmica. Nesse sentido, a educação abrange a instrução e a formação, a aquisição dos conhecimentos e a formação do caráter, enfim, a formação da inteligência e da vontade.

Abordaremos alguns problemas da educação brasileira e procuraremos apresentar nossa prática universitária, tendo em vista que o sistema educacional deve existir para capacitar o homem brasileiro, a fim de que ele realize a grande epopéia do desenvolvimento nacional.

## **INÍCIO DE NOSSA PRÁTICA UNIVERSITÁRIA**

Todas as práticas humanas se dão orientadas por um contexto teórico que é formulado, amadurecido e desenvolvido no exercício da prática. Não existe, pois, teoria sem prática, nem prática sem teoria.

É diante deste entendimento que iniciamos nosso trabalho com esta primeira parte. Trabalhar em uma Universidade deve ser, primeiro que tudo, uma denúncia e uma aspiração delimitadora do que entendemos por Universidade. Encaminhamento este que nos serviu de norma norteadora de segmento das reflexões seguintes e que,

no nosso exercício de magistério superior, nas extintas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, pela elevação e transformação em Universidade Católica Dom Bosco, tem servido de orientação para o nosso trabalho, principalmente no período noturno.

Contudo, ao invés de iniciarmos de imediato por uma discussão mais genérica e mais teórica do que compreendemos que seja esta entidade de ensino superior, começamos por relatar a origem do nosso entendimento, que se fez na prática de vinte e três anos de exercício e reflexão em grupo, numa equipe de trabalho.

A definição da Universidade que queremos pode até não ser a que a sociedade desejaria ou deseja, isto é o que pretendemos estudar junto à comunidade universitária no decorrer de nosso trabalho. Vai, pois, aqui precedida de uma descrição de nossas aprendizagens na prática cotidiana e dos princípios de ação que tínhamos, ao iniciar nossa atividade conjunta e que, também, foram amadurecendo e se ampliando em decorrência desses anos de exercício e de novas descobertas.

Colocamos, aqui, estas informações, por crermos que o mais fundamental deste trabalho não ficará plenamente entendido sem este relato de origem, pois ele é a explicação do que somos hoje e do que pretendemos.

A delimitação que apresentamos de Universidade pode se apresentar, a muitos, como um sonho. Certamente assim o é, mas um sonho possível, desde que por nossa prática tentamos transformar essas aspirações em realidades factuais. Um sonho que pode ser e está sendo por nós cultivado com garra ideológica e efetiva. Este relato da origem, se não é uma prova definitiva, é um testemunho do que desejamos apresentar, talvez, no final de nossa carreira universitária.

Assim sendo, o conjunto destas reflexões definidoras da Universidade que pretendemos fazer tem sido a explicação de nosso credo, que dá a direção a tudo mais.

## INÍCIO DE NOSSA PRÁTICA

O início de nossa prática pedagógica, à frente das disciplinas que já ministramos e das atuais como: Estágio Supervisionado, Cultura Teológica e Orientação de Dissertação de Monografias de Conclusão de Curso (T. C. C), Trabalho de Conclusão de Curso, como é mais conhecido na Universidade, data de 1973.

As Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso apresentavam estas perspectivas: futuramente ser elevada a Universidade Nova, ainda sem os vícios de outras instituições de seu tipo. Vícios que, infelizmente, hoje 1996, já se encontram quase todos contraídos na busca de ser efetivamente universidade. Um campo a ser mais explorado.

Em conjunto, respeitando o espírito de ementa das disciplinas, estudamos e elaboramos o programa. Queremos ser claros, principalmente, onde pretendemos chegar, vez que o conteúdo sempre se nos figura como algo instrumental. O importante é, na universidade, aprender a estudar, a fazer, a produzir conhecimentos, a ser gente, respeitando a todos e fazendo se respeitar. O conteúdo, que ajuda a fazer isso, hoje é um, amanhã, certamente, será outro. Ele é, por conseguinte, relativo, sempre dinâmico, em razão da realidade tal qual se apresenta.

Queremos ver os alunos habilitados metodologicamente a ler, produzir e transmitir conhecimentos de modo crítico e dentro de uma linha científica. Para tanto, ao lado dos roteiros, de aspecto mais prático, achamos importante toda uma discussão sobre Ciências Sociais, conhecimento científico, suas relações com outros tipos de conhecimentos, as leis da produção científica, o método da ciência, etc.

No início de nosso trabalho, por mais importante que fosse a ciência, era fundamental questionar-se sobre seus rumos e sobre um certo cientificismo que imperava e impera em nosso meio, prin-

principalmente no intelectual. Em termos de temas discutidos, esse era o questionamento final do curso de Serviço Social. Sendo que nos figurava como principal o habilitar os alunos para ler criticamente e para produzir conhecimentos; o curso sempre teve um aspecto eminentemente prático. Aprender a fazer fazendo, avaliando o que se faz, retomando o fazer. Nos últimos anos, temos observado e é até comentado pelos alunos, alguns colegas não docentes têm se preocupado muito pouco, ou melhor, não estão se preocupando como fazer, pois vemos que ele está se tornando um “fazer por fazer”, sem se preocupar com a qualidade que ele deve ter.

Conjugamos com Paulo Freire que o essencial de todo trabalho educativo é a prática, a avaliação da prática e a volta à prática, após a sua avaliação. Por isso, sempre enfatizamos o aspecto prático da disciplina, fazemos questão, quase semanalmente, de discutir e avaliar, continuamente, nosso próprio processo pedagógico. Não descuidamos de desenvolver rigorosamente um programa comum, em termos de objetivos, métodos, conteúdos e materiais, respeitando as peculiaridades dos colegas.

Buscamos, mais que nos é possível, escutar junto aos alunos as reações à disciplina e colher as avaliações que eles emitem. Muitas modificações no processo do curso já foram embasadas nessas observações. Os alunos, especialmente nas aulas, são a chave mestra deste trabalho.

Desde a implantação da Universidade, temos buscado uma avaliação o mais global possível, tentando evitar o costumeiro método estanque de provas e avaliações, sem antes avaliar o conjunto do processo dos alunos. Acreditamos que temos tido dificuldades, às vezes até por parte da estrutura da Universidade. Queremos valorizar e incentivar os alunos cada vez mais, o aspecto de que ele é sujeito do processo de aprendizagem e do curso que está fazendo.

Queremos aqui apresentar algo sobre nossa experiência, a partir disso, a cada semestre vencido, registramos novos passos em

nossa caminhada, eis alguns:

Conseguimos descobrir que a parte do curso sobre discussão sobre ciência, métodos científicos etc. não era suficientemente assimilada pelos alunos, devido a quantidade de material vinculado (muito conteúdo e relativamente novo), pelo pouco tempo disponível e, principalmente, por não corresponder, ainda, a uma efetiva necessidade dos alunos.

Chegamos a perceber que o curso possui uma unidade bem clara para nós, professores que o planejamos, porém não captada satisfatoriamente pelos alunos, referindo também às aulas, não querendo criticar os colegas, mas em tempo que, graças a Deus já vai bem longe, havia professor, talvez por falta de material nesta cidade, utilizava material ultrapassado, o que não acontece mais hoje.

Os alunos nos fizeram ver a necessidade de ir buscar material elaborado em outros centros de cultura, para assim elaborar e criar nosso próprio, resultado de nossa reflexão em direção ao atendimento específico de nossas necessidades.

Pouco a pouco estamos tentando levar para nossa prática os novos textos que estão surgindo com relação ao Serviço Social e outros da área das Ciências Humanas. Temos ainda vários outros exemplos.

O curso deve, segundo o que se debateu muito no XIII Seminário Latino Americano de Serviço Social, realizado em Quito, em 89, no XIV Seminário Latino Americano, realizado em 1992, na cidade do Paraná na Argentina, e ainda o ano passado, no XV Seminário realizado na Guatemala, manter um constante relacionamento entre teoria e prática, entendidas no seu sentido mais genuíno e não como duas realidades desvinculadas e quase que opostas.

Acreditamos ser a teoria uma explicação refletida e analisada da prática. A teoria tem na prática sua origem e a ela deve voltar, para

iluminar o seu caminho. Sendo que este processo não deve sofrer interrupções.

Em nossa cultura, o processo de conhecer, específico do ser humano, está profundamente vinculado à escola, instituição básica do sistema educacional, em nosso país. O nosso sistema educacional, por sua vez, no que se refere à escola compreende as seguintes denominações: primeiro-inicial; segundo-médio, profissionalizante ou técnico; terceiro-superior, com a função ambígua de profissionalização. Em resumo, hoje se diz: primeiro e segundo graus. De alguns anos para cá, foi criado também o chamado quarto grau, que são os cursos de pós-graduação. Talvez, este quarto grau é simplesmente para tampar lacunas que ficaram na graduação, quando antes nem sequer existia bibliografia específica do Serviço Social.

Diante do sistema educacional como um todo e da universidade, nível superior, gostaríamos de propor nossa reflexão na busca de construir a universidade que gostaríamos, ou seja, não mera consumidora e reprodutora de informações importadas para “profissionalizar”, mas sim uma sementeira privilegiada, onde se cultive a reflexão crítica sobre a realidade e se criem conhecimentos com bases científicas.

Queremos aqui dar uma ligeira pincelada na história da universidade, a fim de buscarmos os sinais e os esforços de construção de uma universidade, onde inteligências se unem para conhecer, criar e produzir conhecimento.

Em nosso trabalho, estamos sempre com sonhando com uma universidade, hoje, para o Brasil, principalmente para Campo Grande. As origens de nosso sonho, de nossas utopias, estão no esforço e no conhecimento dos homens, das culturas através da história, para conquistar um espaço em que possa o homem se constituir plenamente homem.



## A UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Na antigüidade clássica, o Ocidente, principalmente na Grécia e em Roma, já dispunha de escolas tidas como de alto nível, para formar especialistas de classificação refinada em medicina, filosofia, direito e outras disciplinas. Discípulos se reuniam em torno de um mestre, cuja considerável bagagem de conhecimentos era zelosamente transmitida. Aos discípulos cabia aprender do mestre, um aperfeiçoamento modelo. Cada mestre conduzia sua escola, fazia escola. Tinha-se, pois, nesses tempos, uma comunidade de discípulos gravitando em torno de um mestre, de um cabeça de escola.

As tumultuosas invasões bárbaras, entre os séculos V e X, interromperam esse processo de ensino “superior”.

É, no entanto, entre o final da Idade Média e a Reforma (entre os séculos XI e XV), que propriamente nasce a universidade, identificando-se logo “com sua sociedade e sua cultura, tornando efetivamente o órgão de elaboração do pensamento medieval”. A Igreja Católica desse tempo é a responsável pela unificação do ensino superior em um só órgão, “a universidade”. Isto ocorre como resultado de todo um esforço da Igreja, no sentido de fundamentar a sua ação política e religiosa, enquanto preparava seus quadros, o clero especificamente. A preocupação em manter a unidade do conhecimento básico para todas as especialidades e proporcionar aos futuros especialistas uma formação inicial unitária e geral é um esforço característico desse tempo. É claro que não podemos falar ainda de conhecimento científico, ao menos como é entendido hoje. Grande parte do trabalho intelectual desenvolvido nesses tempos gira em torno das verdades da fé religiosa e, para tanto, os estudos filosóficos, a Filosofia, são bastante cultivadas. Aristóteles, Platão e outros gregos são muito explorados pela escolástica, cuja influência no pensamento ocidental é ainda hoje sentida. Não obstante, muitas das qualidades hoje requeridas para o trabalho científico, como por exemplo rigor, seriedade, lógica e pensamento,

busca da prova, etc.

Iniciam a sistematização nesses tempos, outrossim, grandes pensadores, que organizam suas doutrinas e criam suas “escolas” de pensamento, formadas por crescentes grupos de estudiosos, que aderem a tais sistematizações e as defendem com ênfase. Não nos esqueçamos, entretanto, de que a Igreja Católica mantinha severa vigilância sobre qualquer produção intelectual da época, talvez como exigência do próprio contexto social de então.

Os movimentos da Reforma e Contra-Reforma (século XVI) inauguram a Idade Moderna. É marcante, nesse momento, uma crescente rebelião burguesa contra a ordem medieval, cujo resultado é, de um lado, o rápido desenvolvimento de uma mentalidade individualista e, de outro, o desenvolvimento da ciência moderna. Notamos, nesses tempos, uma considerável diversificação do conhecimento humano e uma fragmentação dos órgãos de transmissão do saber. O conceito de universidade torna-se, então, inconsistente com a realidade. Podemos dizer que a universidade existente não acompanha o específico difundido pela Renascença e pela Reforma.

Há, sobre seus quadros, certas imposições de uma atitude defensiva, de guarda das verdades já constituídas, definidas e definitivas, estáticas e restritivas, no sentido de não acrescentar aos valores do passado as numerosas descobertas que se faziam. Nessa fase, a universidade se caracteriza pelas repetições dogmáticas ditadas como verdades incontestáveis de catedrais. Os dogmos eram impostos e ensinados através de teses autoritariamente demonstrativas. Tais teses, se contestadas, geravam a ira das autoridades e das instituições guardiãs da ortodoxia, o que implicava sempre em penas que variavam de acordo com a gravidade da contestação, como a fogueira, prisão, afastamento das funções, perda da cátedra, excomunhão, index, etc... Ainda hoje sofremos resquícios dessa época: o ensino autoritário, em que o professor assume a postura de quem detém o critério de verdade e o aluno simplesmente repete o professor e os livros de texto ou

manuais; a arraigada dificuldade para o livre debate das idéias etc. Graças a Deus, isso não acontece em nosso campo de trabalho. (Há poucos dias, conversava com uma professora que não é daqui, e ela dizia-me que, na escola onde trabalha como diretora, manda os professores dar diversos castigos aos alunos, mandando ficar de joelhos cheirando a parede, porque ela estudou em colégio de freiras, em seu Estado, e elas aplicavam estes castigos, o que para esta diretora foi e continua sendo válido em nossos dias).

No século XVIII surge, com os enciclopedistas, o movimento iluminista, que questiona o tipo de saber estribado nas “sumas medievais”. Será, porém, o século XIX, com a nascente industrialização, o responsável pelo “golpe” à universidade medieval e pela eletrônica da universidade napoleônica na França, caracterizada pela progressiva perda do sentido unitário da alta cultura e a crescente aquisição do caráter profissional, profissionalizante, na linha do espírito positivista, pragmático e utilitarista do Iluminismo. A universidade napoleônica, além de surgir em função de necessidades profissionais, estrutura-se fragmentada em escolas superiores, cada uma das quais isolada em seus objetivos práticos.

Notamos, entretanto, que já naquele tempo, ao lado da universidade napoleônica, surge também, em consequência das transformações impostas pela industrialização, uma outra mentalidade endereçada para a pesquisa científica. Há como que um despertar intelectual vigente e a universidade, então, tenta retomar a liderança do pensamento, para tornar-se centro de pesquisa. O marco dessa transformação ocorre em 1810, quando da criação da Universidade de Berlim (Alemanha), por Humboldt.

A universidade moderna, enquanto centro de pesquisa é, portanto, uma criação alemã, preocupando-se em preparar o homem para descobrir, formular e ensinar a ciência, levando em conta as transformações da época. Maria de Lourdes Fávero, ao analisar essa modalidade, nos lembra K. Jaspers (falecido em 1969) que diz:

*“ensinar.. é participar do processo de pesquisa. Só o homem voltado para a pesquisa pode realmente ensinar; do contrário, ele reduz seu trabalho a transmitir em pensamento inerte, mesmo sendo pedagogicamente ordenado, no lugar de comunicar a vida do pensamento”.*

Até 1808 (chegada da Família Real ao Brasil), os luso-brasileiros faziam seus cursos superiores na Europa, principalmente em Coimbra-Portugal. Há notícias de que menos de 2.500 brasileiros foram diplomados até 1808, em sua maioria religiosos. Portugal não permitia, apesar dos esforços dos Jesuítas, a criação de uma universidade no Brasil.

Já nos demais países da América Latina, de colonização espanhola, o comportamento foi outro.

Com a vinda de D. João VI para a Colônia, é instituído aqui o chamado ensino superior. Nasce as aulas régias, os cursos, as academias, em resposta às necessidades militares da Colônia, consequência da instalação da Corte no Rio de Janeiro.

A Faculdade de Medicina da Bahia (1808), resultado da evolução de cursos, durante a época colonial, de anatomia, cirurgia e medicina; as Faculdades de Direito de São Paulo e Recife (1854).

A partir de 1930, inicia-se a transformação do ensino superior no Brasil. A união de três ou mais faculdades podia legalmente chamar-se de universidade. É nesses termos que se fundam a Universidade de Minas Gerais, reorganizada em 1933, e a Universidade de São Paulo, que em 1934 já expressa uma preocupação de superar o simples agrupamento de faculdades.

Em 1935, o professor Anísio Teixeira pensa uma universidade brasileira como centro de debates livres e idéias. Seria, provavelmente, a primeira universidade realmente universidade. Mas com a chegada da ditadura, com a implantação do Estado Novo em 1937, caiu por terra o sonho do extraordinário Anísio Teixeira. É que ditaduras são

incompatíveis com os debates, e a verdadeira universidade deve ser edificada sobre e a partir do debate livre das idéias.

Até mais ou menos 1960, continuamos com os agrupamentos de escolas e faculdades. Mas as idéias não morreram, apesar de muitos de seus criadores terem sido decapitados. Por isso é que renasce com força a idéia de Anísio Teixeira, agora com a liderança de seu amigo e discípulo, e com a expressão da vontade das bases intelectuais do país: Darcy Ribeiro. Com uma equipe de intelectuais, em moldes novos, exigidos por uma realidade nova, elabora o projeto, convence os governos e funda a Universidade de Brasília. Era a esperança de uma Universidade Brasileira, nascida a partir de uma reflexão nacional sobre os problemas nacionais. Criava-se propriamente uma universidade nova, numa cidade nova, Brasília, em circunstâncias totalmente novas.

A idéia tomou corpo e foi bravamente indicada a sua implantação. Mais uma vez, as forças contraditórias à renovação das idéias impedem despoticamente o desenvolvimento da nascente universidade brasileira. Isso ocorre em 1964. A quase totalidade daquela equipe de professores foi afastada de suas funções de refletir, de renovar o saber. Em sua grande maioria, aqueles professores e cientistas emigraram e foram engrandecer o pensamento da humanidade em países estrangeiros, porque, aqui no Brasil, “não havia lugar para eles”.

Em nosso país, mais que nos países latino-americanos colonizados pelos espanhóis, o processo de transplante cultural ligado sempre aos interesses de colonizador, condicionou as funções das universidades existentes. Sempre importamos técnicas e recursos culturais, como foi o caso do Serviço Social. Nesses termos, Anísio Teixeira dizia que na

*“Universidade Brasileira, além de preparar profissionais para as carreiras liberais e técnicas que exigem uma formação de nível superior, o que tem havido é uma preocupação muito fluída com a iniciativa do estudante*

*na vida intelectual, a universidade brasileira não logrou constituir-se verdadeiramente como uma instituição de pesquisa e transmissora de uma cultura comum nacional, nem logrou se tornar um centro de consciência e de pensamento criador”.*

E Darcy Ribeiro constata que a Universidade tem-se limitado a ser um órgão de repetição e difusão do saber elaborado em outras realidades e que muito pouco tem contribuído para uma integração nacional, conseqüência de uma análise crítica de nossa realidade.

Percebemos, por conseguinte, que as funções da universidade existente no Brasil, mesmo após a dita independência política, continuam a ser de absorção, aplicação e difusão do saber humano, fruto da atividade intelectual dos grandes centros técnicos, científicos das nações desenvolvidas. Nossas escolas universitárias, quando muito, mantêm sua clientela informada dos resultados das investigações feitas sobre problemas de outras realidades e não daqueles emergentes das necessidades e desafios da nossa nação e de nosso povo.

Somente depois de um certo amadurecimento dos cursos de pós-graduação em várias Universidades Brasileiras, foi que a informação e a pesquisa começaram a ser melhor divulgadas.

Estamos longe de pensar que o problema da universidade brasileira pode ser refletido à margem do complexo e abrangente sistema educacional como um todo, com suas relações com o sistema político vigente, de orientação explicitamente tecnocrata e voltado para interesses dos grandes capitais internacionais. É esse quadro que determina um segundo ou terceiro plano para a educação nacional. Entretanto, mesmo diante de um quadro tão pouco promissor, constatamos a existência de centros universitários no Brasil que, sem medir esforços, lutam por conquistar a possibilidade de construção de uma personalidade universitária livre e crítica, aliando a ânsia do mais alto nível do saber à efetiva preocupação com os problemas nacionais. Portanto, ainda está viva uma tentativa de gerar, fazer

nascer e crescer uma autêntica universidade. São sinais dessa conquista os esforços que fazem tantos intelectuais, dentro e fora do país, de mostrar a realidade em que se move a Nação, de propor um abrir de olhos aos responsáveis pelos seus destinos. Por outro lado, as camadas sociais se manifestam, os estudantes tentam se agrupar para pensar o que fazer, discutir o papel, descobrir o seu caminho, criar uma forma de atuação e interferência nos nossos destinos. Nestes termos, é que escutamos com esperança certos anúncios proféticos como, por exemplo, aquele da última Conferência Episcopal Latino-Americana – CELAM:

*“estamos com uma educação uniforme em um momento em que a comunidade latino-americana despertou para a riqueza de seu pluralismo humano; passiva, quando já soou a hora para nossos povos descobrirem seu próprio ser, pleno de originalidade; está orientada no sentido de sustentar uma economia baseada na ânsia do ‘ter mais’, quando a juventude latino-americana exige ‘ser mais’, na posse de sua auto-realização pelo serviço e no amor. Em especial a formação de nível médio e superior sacrifica com freqüência a profundidade humana em nome do pragmatismo e do imediatismo para ajustar-se às exigências do mercado de trabalho. Este tipo de educação é responsável pela colocação do homem a serviço da economia e não desta a serviço do homem”.*

As bases universitárias; insatisfeitas na época com as tomadas de posição e com as decisões autoritárias que tivemos por muitos anos, a exemplo da famosa lei 5.540-68 (Lei da Reforma Universitária), cujos efeitos não foram animadores na época; mantiveram acesa a esperança de que fosse revitalizado o processo de transformação da universidade brasileira, ao lado do sistema educacional, ao tempo em que estudava para descobrir como interferir nos rumos da educação nacional.

Foi, então, na perspectiva de participar e interferir, que a universidade foi chamada a abandonar seu papel tradicional de receptora e transformadora de uma cultura técnico-científica importada, com o rótulo de “desinteressada” a assumir a luta pela conquista de uma cultura, um saber comprometido com os interesses nacionais. Ela foi chamada a assumir a formação de uma personalidade brasileira em diálogo, de igual para igual, com os demais centros de saber e da cultura, sem perder de vista que nós temos de reelaborar o saber da humanidade em função de nossos problemas específicos, o primeiro dos quais é a busca de nossa identidade e autonomia cultural.

Dessa pequena exposição na história da Universidade podemos, em uma pequena síntese, destacar alguns sinais da universidade que queremos, da antigüidade clássica, a comunidade de discípulos que, ouvindo e refletindo, tentava, ao redor de seu mestre, conservar e transmitir a cultura, os saberes e encaminhar cada um dos seus membros a tornar-se especialista; da Idade Média, a universidade como órgão de elaboração do pensamento da época, identificada com sua cultura, centro de debates e discussões das verdades; da universidade alemã, o seu entendimento como centro de pesquisa; de Newman, a dimensão de criação e difusão do saber e da cultura. Esses são exemplos efetivos de como se criar uma universidade nova, que a história registra.

Faz-se necessário, no entanto, ressaltar que elas são frutos de um processo dialético: na Idade Média, por exemplo, surgiu a universidade do debate, cria-se a vigilância da ortodoxia na produção intelectual. Saindo do clima de debates, a universidade assume, com a renascença, uma postura de guardiã e defensora das verdades definidas e estáticas, para depois perceber que o conhecimento só evolui se é passível de crise, de questionamento.



**BIBLIOGRAFIA**

- BÁRBARA, Denice Catani e outros. *Universidade Escola e Formação de Professores*. 2. ed. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1987.
- CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã*. 3. ed. Rio de Janeiro : Editora Francisco Alves, 1986.
- Conselho Episcopal Latino Americana - CELAM. Conclusões de Medellin sobre educação. *Cadernos da AEC do Brasil - Documentos da Igreja sobre educação AEC do Brasil*. Rio de Janeiro, 1978. p. 43.
- FÁVERO, Maria de Lourdes e outros. *A Universidade em questão*. 3. ed. São Paulo : Editora Cortez, 1989.
- GIANOTTI, José Arthur. *A Universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1987.
- HENRY, John Newman Cardeal. *Origem e progresso das Universidades*. Tradução sem data e sem editora.
- HISTÓRIO, E. *Consciência de Classe*. Porto : Escorpião, 1974.
- HORKHEIMER, M. *Critica de la razón instrumental*. Buenos Aires : Sur, 1973.
- HORKHEIMER, M e Adorno. *T. W. Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro : Editora Zahar, 1987.
- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. 4. ed. Rio de Janeiro : Ed. Paz e Terra S.A., 1988.